

Denise Andrade de Freitas Martins
Nathália Cássia Santos Silva
Kátia Alves Silva

Cadernos
Pedagógicos 1

Compartilhando Experiências e

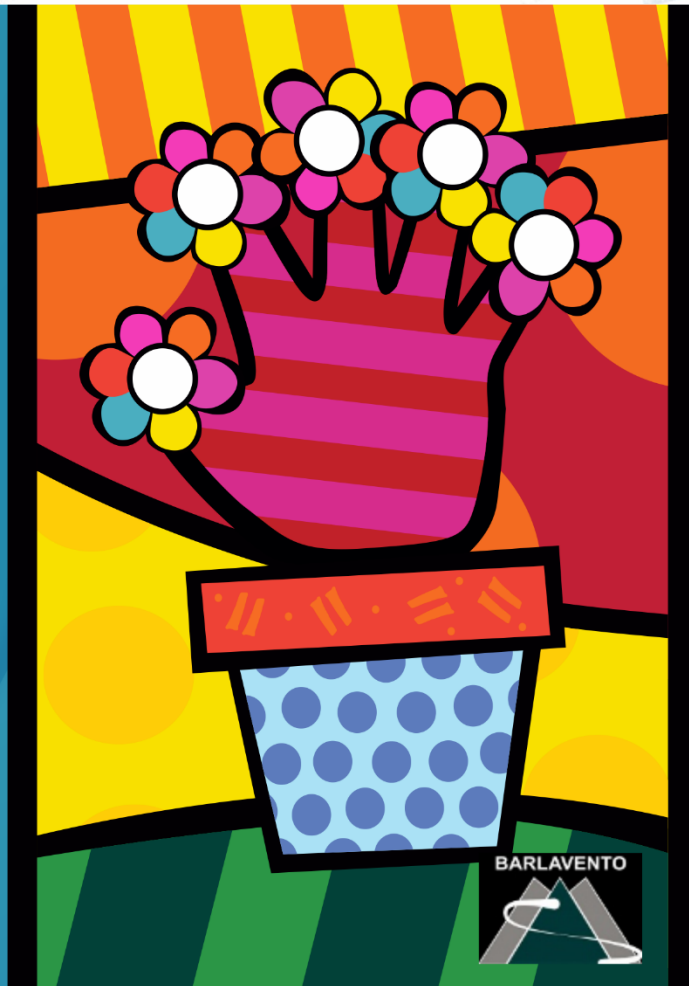
Conhecimentos em Arte



Compartilhando Experiências e
Conhecimentos
em
Arte

Denise Andrade de Freitas Martins
Nathália Cássia Santos Silva
Kátia Alves Silva

Ituiutaba - 2018



© Denise Andrade de Feitas Martins, Nathália Cássia Santos Silva, Kátia Alves Silva, 2018.

Editor da obra: Mical de Melo Marcelino.

Arte da capa e Diagramação: Carlos Henrique Freitas Martins

Revisão: as autoras

E-Books *Barlavento*

CNPJ: 19614993000110. Prefixo editorial: 68066 / Braço editorial da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Asé Tobi Babá Olorigin.

Rua das Orquídeas, 399, Cidade Jardim, CEP 38.307-854, Ituiutaba, MG.

Tel: 55-34-3268.4570

barlavento.editora@gmail.com

Cadernos Pedagógicos 1: compartilhando experiências e conhecimentos em Arte/ Denise Andrade de Feitas Martins, Nathália Cássia Santos Silva, Kátia Alves Silva (org). Ituiutaba: Barlavento, 2018, 97 p.

ISBN: 978-85-68066-71-3 (versão e-book)

1. Arte. 2 Ensino de Arte.. 3. Educação. 4. Prática Educativa

I. MARTINS, Denise Andrade de Freitas. II. SILVA, Nathália Cássia Santos. III. SILVA, Kátia Alves.

Todos os direitos desta edição reservados aos autores, organizadores e editores. É expressamente proibida a reprodução desta obra para qualquer fim e por qualquer meio sem a devida autorização da E-Books Barlavento. Fica permitida a livre distribuição da publicação, bem como sua utilização como fonte de pesquisa, desde que respeitadas as normas da ABNT para citações e referências.

A todas as crianças,
como possibilidade de sonhar
e realizar...



Nossos cumprimentos e agradecimentos
às autoras desse livro, estudantes em
processo de formação.



Su
má
rio

APRESENTAÇÃO

7

Denise Andrade de
Freitas Martins

PREFÁCIO

11

Maria Aparecida Augusto
Satto Vilela

UMA PRÁTICA ARTÍSTICA INSPIRADA NAS OBRAS DE ROMERO BRITTO

15

Sabrina Bueno da Silveira

O FUNDO DO MAR ATRAVÉS DE COLAGENS

30

Graziene Dantas da Silva
Jessica Cristina Bertolino Ferreira Costa
Angélica Martins Rodrigues
Daiane Alves Ramos
Emanuelly Franthesca Pereira Emiliano
Lisle Cristina de Oliveira Carvalho

SOLTANDO A IMAGINAÇÃO

47

Ana Paula Barbosa Gomes
Daniela Cristina de Araújo
Iusle Freitas Martins
Jéssica Borges Sant'Ana
Joana Rita de Moraes Lima
Lorena Isadora Costa
Paloma Silva Alves
Wislainy Maria França Guimarães

PLANTANDO COM AS MÃOS

66

Dorcina Aparecida de Oliveira
Kátia Alves Silva
Natalia Juvelina da Silva
Nathália Cássia Santos Silva

SOBRE AS ORGANIZADORAS E AUTORAS

87



Apresentação

Denise Andrade de Freitas Martins

Este livro, um caderno pedagógico, resulta das atividades realizadas pelas estudantes do 2º período do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba (UEMG), em cumprimento aos créditos da disciplina Arte, Educação e Cultura. Tendo em vista que as atividades constaram da elaboração e execução de um plano de aula, seguido de uma avaliação crítica e escrita de um ensaio científico, e em conformidade com os resultados obtidos, decidiu-se compartilhar tais experiências e conhecimentos, por acreditarmos que os escritos pudessem colaborar com outros estudantes em processo de formação, e com professores/as e profissionais na área da Educação Infantil. As atividades aqui descritas foram realizadas especificamente com crianças entre quatro e

cinco anos de idade, regularmente matriculadas na rede municipal de ensino da cidade de Ituiutaba, interior de Minas Gerais, por ocasião das comemorações do Dia da criança, no mês de outubro de 2017.

O primeiro capítulo, *Uma prática artística inspirada nas obras de Romero Britto*, é de autoria de Sabrina Bueno da Silveira, onde se descreve o processo de realização de uma oficina (planejamento, execução, avaliação) com base em três obras do artista brasileiro Romero Britto: *Cat* (1995), *Mona Cat* (2004) e *Back In Time* (2015), em busca de valorizar a produção nacional e destacar o referido artista, tendo em vista que suas obras apresentam cores vibrantes, formas geométricas e desenhos de animais, pessoas e plantas, remetendo, assim, ao cotidiano das crianças.

O segundo capítulo, *O fundo do mar em recortes e colagens*, é de autoria de Graziene Dantas da Silva, Angélica Martins Rodrigues, Daiane Alves Ramos, Emanuely Franthesca Pereira Emiliano, Jessica Cristina Bertolino Ferreira Costa e Lisle Cristina de Oliveira Carvalho. Esse trabalho, na área de Arte Visual, constou de atividades de colagem e confecção de peixes e estrelas do mar com as

crianças participantes, em busca de desenvolver a criatividade, a coordenação motora, as noções de espaço e os laços de afetividade.

O terceiro capítulo, *Soltando a imaginação*, é de autoria de Ana Paula Barbosa Gomes, Daniela Cristina de Araújo, Iusle Freitas Martins, Jéssica Borges Sant'Ana, Joana Rita de Moraes Lima, Lorena Isadora Costa, Paloma Silva Alves, Wislainy Maria França Guimarães, que trata de uma oficina de contação de história seguida de atividades de pintura em papel. Com base na história, as crianças criaram suas próprias pinturas, dando asas à imaginação e (re)contando, cada uma à sua maneira, a mesma história, de um jeito muito particular.

O quarto capítulo, *Plantando com as mãos*, é de autoria de Dorcina Aparecida de Oliveira, Kátia Alves Silva, Natalia Juvelina da Silva e Nathália Cássia Santos Silva. Com os objetivos de criar, aplicar e avaliar atividades em Arte na Educação Infantil, de modo a promover uma ação participativa, estimulando a melhoria da autoestima e o desenvolvimento da autonomia, as autoras criaram um roteiro de ação, em forma de oficina, a qual se fundamentou em três dos eixos dos Referenciais Curriculares Nacionais (1998), que foram: movimento, arte e matemática. A escolha do tema e a

realização das atividades devem-se ao desejo das autoras de compartilhar experiências e conhecimentos, enquanto professoras em processo de formação, com os/as professores/as da Educação Infantil e demais profissionais, tanto de escolas públicas como privadas, no sentido de descrever práticas condizentes com a realidade das crianças, em busca de contribuir com o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor e psicológico.

Prefácio

Maria Aparecida Augusto Satto Vilela

A intensificação do uso da tecnologia digital nas duas últimas décadas do século XX e primeiras décadas do século XXI impactou significativamente em muitas instâncias da vida social. Repercutiu nas interações sociais, na difusão das informações, nas práticas educativas, escolares ou não, e especificamente, tendo em vista a temática deste livro, na relação das crianças com o mundo da cultura e, em específico, das artes, em suas várias linguagens.

Se a infância ainda existe como categoria social, inventada na Europa, ao final do século XVII, e consolidada no século XVIII, as crianças desse período não tinham as mesmas necessidades, sonhos e percepções sobre o mundo daquelas que temos contato no final dessa segunda década do

século XXI. Como construção sócio-histórica, houve permanências e rupturas na compreensão sobre a infância, em diferentes contextos geográficos, políticos, econômicos e sociais.

Nesse sentido, que saberes e culturas são produzidos/as por elas na conjuntura brasileira vivida? Em tempos de maior acesso a computadores e celulares, por diferentes classes sociais, como assegurar que outros instrumentos e mediadores culturais façam parte da construção de conhecimento desses seres humanos que estão no início de seu desenvolvimento social, moral, afetivo, cognitivo, psicomotor, dentre outros?

Os textos divulgados nesta publicação possibilitam vislumbrar caminhos e possibilidades de contato pelas crianças pequenas com múltiplas linguagens artísticas, especificamente, por aquelas que estão na educação infantil de escolas públicas municipais de Ituiutaba. Ressalta-se que não é o contato em si que revela a importância do trabalho realizado pelas estudantes do 2.º período do curso de Pedagogia da UEMG, unidade de Ituiutaba, mas a oferta de experiências repletas de sentido e significado, nas quais as crianças se tornaram, nos momentos vivenciados nas oficinas, sujeitas de sua aprendizagem e não meras espectadoras.

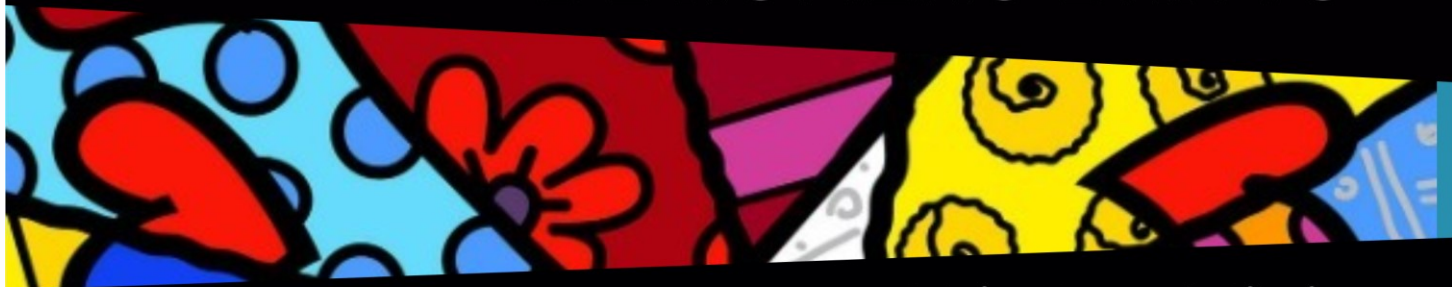
Aquelas que participaram das atividades, na faixa etária de 4 a 5 anos, tiveram a oportunidade de fazer escolhas, condição essencial para que passem de seres heterônomos a autônomos, o que se espera que ocorra ao longo de suas existências. Tendo em vista que a capacidade de discernir é desenvolvida e não inata, é preciso que os/as adultos/as estimulem e criem condições para que isso ocorra, em diferentes situações e momentos, como foi possível nas ações desenvolvidas pelas futuras pedagogas, autoras dos trabalhos apresentados neste livro. Sem relações sociais de colaboração e cooperação, não se constrói noções democráticas de moralidade, de ética, não se estimula a criatividade, a imaginação, dentre tantas outras habilidades necessárias para nos tornarmos humanos, evidenciando as diferenças que temos em relação a outros seres vivos.

As artes, como produções culturais da humanidade, são imprescindíveis para o desenvolvimento dessas e de outras potencialidades. Nessa perspectiva, entende-se que é possível e necessário que as crianças, de modo específico, tenham a possibilidade de expressar seus sentimentos, sonhos, frustrações, medos e conhecimentos de diferentes formas, por meio da oralidade, da escrita, da iconografia, da música e/ou do corpo.

Finalizo esta breve reflexão, agradecendo o convite para prefaciar esta obra, feito pela professora Denise Martins, uma de suas organizadoras. Grata pela confiança, pelo companheirismo e pelas lutas de resistência e (re) existência nesse mundo. A gratidão também se deve porque, assim como ela, [e pelas reflexões possíveis a partir dos textos apresentados aqui], defendo uma educação transformadora e libertadora, na qual crianças, jovens, adultos/as e idosos/as possam ser ouvidos/as e considerados/as em suas especificidades. Uma educação na qual professores/as e estudantes sejam percebidos/as como pessoas completas, que pensam, fazem e sentem.



UMA PRÁTICA ARTÍSTICA INSPIRADA NAS OBRAS DE ROMERO BRITTO



Sabrina Bueno da Silveira

Introdução

O presente texto resulta de uma atividade de intervenção e pesquisa realizada em cumprimento parcial aos créditos da disciplina Arte, Educação e Cultura, do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Ituiutaba, cuja professora orientadora é pesquisadora na linha de Práticas Sociais e Processos Educativos. A atividade foi realizada em forma de oficina de arte com estudantes da Educação Infantil, da Escola Municipal Salim Bittar, localizada na cidade de Ituiutaba, Minas Gerais, a partir de parceria estabelecida entre a universidade e a referida escola. Inicialmente, as estudantes da UEMG se organizaram em grupos, sendo que cada um desses grupos escolheu um objeto/tema de estudo a ser trabalhado nas oficinas, as quais seriam aplicadas por ocasião das comemorações do Dia das Crianças. Definido o tema, passou-se à segunda etapa do trabalho, a elaboração do plano de aula, com descrição dos objetivos da oficina, assim como a metodologia, os materiais e resultados esperados. Com base em revisão de literatura na área de Arte na Educação Infantil e discussão entre as participantes do grupo, decidiu-se por criar uma oficina inspirada nas obras do artista brasileiro Romero Britto, levando-se em consideração a estética de suas obras, em geral, conhecidas pelas crianças da Educação Infantil.

Integrantes do grupo, professoras em processo de formação, sentimo-nos comprometidas em trabalhar com a arte brasileira, no sentido de valorizar a produção nacional e trazer um artista brasileiro para o centro das realizações pretendidas na oficina. Por isso, o nome de Romero Britto, já que suas obras apresentam cores vibrantes, formas geométricas e desenhos que remetem ao cotidiano dos/as estudantes, com a representação de animais, pessoas e plantas, conforme expostas nas obras *Cat* (1995), *Mona Cat* (2004) e *Back In Time* (2015), representações essas que, a nosso ver, chamariam a atenção das crianças.

Dessa forma, definido o tema, nosso objeto de estudo, e as estratégias para a realização da oficina, apresentamos a ideia à professora e demais colegas da sala de aula, obtendo aprovação. Compreendemos que a realização de uma oficina em Arte na Educação Infantil implementaria a Lei de Diretrizes e Bases, LDB, (BRASIL, 1996), que define e regulamenta o ensino no Brasil, seja este público ou privado, no que se refere aos escritos da referida lei: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (p.10).

Desenvolvimento

A oficina foi aplicada por estudantes de Pedagogia, 2º período, da UEMG-unidade Ituiutaba, no Bloco C, sala 05, com cerca de 100 estudantes em idade de 4 e 5 anos, da Escola Municipal Salim Bittar. Esses estudantes chegaram acompanhados de suas professoras e logo foram divididos em cinco grupos, cada grupo fazia um rodízio em cada oficina, tendo assim 30 minutos para participar de cada atividade, as quais aconteciam ao mesmo tempo. A proposta de nossa oficina foi apresentar o autor Romero Britto aos estudantes, solicitar que fizessem dobraduras, com temáticas previamente definidas entre flor e cachorro, e finalmente pintassem. A escolha dos elementos flor e cachorro surgiu a partir da oportunidade de se trabalhar as duas formas em uma única dobradura, mudando somente os elementos de finalização pode obter-se a flor ou o cachorro. Além de serem representações recorrentes nas produções de Romero Britto como em *Hide e Seek* (2014) e *Spring Again* (2015) foram, pelas estudantes, consideradas também populares entre as crianças, por isso foi definido o uso destas para a realização das atividades.

Nesse sentido, Silva *et al.* (2010, p. 6) observam que “Interpretar obras, recriar imagens, pintar por observação são atividades que mostram possibilidades de transformações, de reconstrução, de

reutilização e de construção de novos elementos, formas, texturas, etc.”. Ainda, para os/as autores/as, “[...] a utilização da modelagem e a pintura é importante para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor da criança.” (p. 7).

Entendendo a importância de proporcionar aos estudantes da Educação Infantil a oportunidade de participação em oficina de arte, em busca de viver experiências que se tornem significativas para o desenvolvimento psicossocial, compartilhamos das ideias de Larossa-Bondía (2002), o qual discute a experiência e o saber da experiência, já que: “[...] o saber da experiência tem relação com o sentido e o sem-sentido do que nos acontece [...]. A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida.” (p.27).

Dessa maneira, os/as estudantes participantes da oficina de arte tiveram a oportunidade de vivenciar a experiência, dando sentido e significado, mas cada um/a à sua maneira, sempre própria, singular e particular. Larossa-Bondía (2002) também reforça a particularidade da experiência vivenciada, mesmo que todas essas pessoas tenham vivenciado o mesmo acontecimento. Assim, esses estudantes tiveram a oportunidade de dar um sentido ao que vivenciaram.

Para a realização da oficina, foram usados os seguintes materiais: pincéis, giz de cera, tinta, papel-higiênico, fita crepe, cola, jornal, copos descartáveis, EVA (*Ethil Vinil Acetat*, em português, Etileno Acetato de Vinila) e papel em tamanho A4 (21cm X 29.7cm). Para a sala na qual foi realizada a oficina, deu-se o nome de “Pintando com Romero”, sendo que o espaço da sala de aula foi preparado anteriormente à realização da oficina, por três estudantes, também responsáveis pela aplicação da oficina.

Dessa forma, as estudantes oficinairas dispuseram folhas de jornais no chão de modo a formar um quadrado, colando-as com fita crepe, a fim de que as folhas ficassem devidamente afixadas e não se corresse o risco de sujar o piso da sala.



Figura 1. Jornais dispostos no chão com os materiais a serem utilizados. Acervo Pessoal.



Figura 2. Cartaz com as fotos de Romero Britto e suas obras. Acervo Pessoal.

As tintas foram distribuídas aos estudantes em pequenos copinhos plásticos, com as seguintes cores: vermelho, roxo, amarelo, verde, azul claro e azul escuro, rosa claro e rosa escuro. Foram também dispostos nos quadrados de jornal outros materiais, dentre: giz de cera, pincéis, copos com água e papel-higiênico para a limpeza e secagem dos pincéis.

Ao chegarem à sala, os/as estudantes se mostraram curiosos e entusiasmados para saber qual seria a atividade realizada. Em seguida, eles/as foram orientados/as a se sentarem no chão ao redor dos jornais e as

estudantes responsáveis pela oficina começaram a aplicar a atividade. Primeiro, apresentaram o artista brasileiro Romero Britto, fotos de suas respectivas obras, as quais estavam coladas em um cartaz afixado com fita crepe na lousa da sala de aula. Enquanto eram apresentadas as obras, os/as estudantes quando questionados/as, disseram que não as conheciam e observaram que Romero Britto utilizava muitas cores e formatos geométricos em suas pinturas. Em seguida, deu-se início à atividade prática. Foi entregue a cada estudante uma folha de papel A4 branca previamente recortada em formato triangular, para que os/as estudantes tivessem a liberdade de escolher entre fazer dobradura em forma de flor ou cachorro. Criadas as dobraduras, cada estudante colou a sua obra em outra folha de papel tamanho A4 de cor branca e pintou com as cores de sua escolha, escolhendo entre usar tinta guache ou giz de cera.



Figura 3. Estudantes realizando a oficina.
Acervo Pessoal.

Os/as estudantes que optaram pela dobradura em forma de flor completaram sua obra criando ainda o caule, as folhas e a grama. Já os/as estudantes que optaram pelo cachorro, finalizaram sua atividade desenhando os traços do rosto do animal. Ao término da pintura foram disponibilizados para os/as estudantes EVA colorido e recortado para que confeccionassem as molduras de cada quadro. Finalizada a atividade, os/a estudantes assinaram suas obras e as levaram para suas casas. Com a colaboração da equipe da Escola Municipal Salim Bittar, conseguimos trabalhar com esses/as estudantes o que preconizam os documentos da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), de que os docentes devem levar em consideração a diversidade cultural presente em sala de aula, quando montam seus currículos e planos de aula, para que consigam alcançar as metas de desenvolvimento, conhecimentos, competências e habilidades necessárias ao aprendizado de seus estudantes em cada nível escolar.

Na Arte,

[...] processos e produtos artísticos e culturais [...], que têm a expressão visual como elemento de comunicação [...] [são] manifestações [que] resultam de explorações plurais e transformações de materiais, de recursos tecnológicos e de apropriações da cultura cotidiana. [...] [possibilitando] aos alunos explorar múltiplas culturas visuais, dialogar com as diferenças e conhecer outros espaços e possibilidades inventivas e expressivas, de modo a ampliar os limites escolares e criar novas formas de interação artística e de produção cultural, sejam elas concretas, sejam elas simbólicas. (BRASIL, 2017, p. 193)

Realizada essa oficina, foi possível observar a manifestação de forte interesse dos/as estudantes pelos materiais disponibilizados e dispostos no chão da sala de aula, em especial as tintas. No uso dessas tintas, os/as estudantes ocuparam papel ativo na recriação das obras do artista brasileiro Romero Britto. E, ao serem informados/as que poderiam escolher entre as temáticas de flor ou cachorro, ficaram muito empolgados/as com a liberdade de escolha do objeto tema da dobradura, além da pintura do objeto. Assim, o sentimento expresso foi o de alegria no fazer artístico com liberdade de escolha, e, por conseguinte, autoria.

Considerações finais

Consideramos que essa oficina possibilitou desenvolver o que se considera uma *práxis educacional*, ou seja, a possibilidade de pensar/agir/refletir sobre aquilo que se realiza, permitindo assim a comunicação entre a teoria estudada e a prática aplicada na Educação Infantil. Paulo Freire (1987), educador brasileiro que pensa a educação com base na capacidade das pessoas envolvidas, sujeitos em situação, de pensar, agir e voltar a intervir de modo a transformar a realidade, observa que “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (FREIRE, 1987, p. 21). Para o autor, a práxis educacional transforma o educando, tornando-o ator social de sua própria vida.

Nesse sentido, de modo a fazer o melhor aproveitamento da relação teórico-prática, Medeiros e Cabral (2006) observam que o profissional é responsável por fazer o desenvolvimento da consciência crítica sobre a maneira de conseguir articular o conhecimento adquirido dentro da formação inicial com as práticas de seu objeto de estudo. Ou seja, para que consiga alcançar ações transformadoras no exercício de sua docência.

As estudantes, em processo de formação para a docência, responsáveis pelo planejamento, execução e avaliação dessa atividade, mostraram-se satisfeitas em relação aos resultados obtidos, mas também em relação ao processo, quando realizaram suas expectativas individuais e coletiva. As maiores dificuldades, de acordo com depoimentos das mesmas, ficaram reservadas ao primeiro momento: de, em atendimento às orientações da professora responsável, serem capazes de definir um objeto de estudo e organizar/planejar sua aplicação, com base em referencial teórico na área, além de elaborar com rigor um plano de aula, o qual estaria sujeito a alterações de acordo com o público atendido. Mas, vencida essa etapa, desenvolver a atividade foi bastante divertido e estimulante para todas as integrantes do grupo. De tal forma, que foi possível entender na prática o que Paulo Freire diz em sua obra *Pedagogia da Autonomia* (1996, p. 13): “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém”. Enfim, esse foi o nosso primeiro contato com estudantes da Educação Infantil dentro do processo de formação como docentes, o que ofereceu maiores motivações para nós, estudantes universitárias e futuras pedagogas.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 13 abr. 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf> Acesso em: 13 abr. 2018.

BRITTO, Romero. **Originals**. Disponível em: <http://britto.com/artworks/originals/#_>
Acesso em: 14 abr. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários às práticas educativas. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LARROSA-BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

MEDEIROS, Marinalva Veras; CABRAL, Carmem Lúcia de Oliveira. Formação docente: da teoria à prática, em uma abordagem sócio histórica. **Revista E-Curriculum**, São Paulo v. 1, n. 2, junho de 2006. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/righi/EPE/MEDEIROS_CABRAL.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2018.

SILVA, Elizangela Aparecida da; OLIVEIRA, Fernanda Rodrigues; SCARABELLI, Letícia;

COSTA, Maria Lorena de Oliveira; OLIVEIRA, Sâmyla Barbosa. Fazendo arte para aprender: a importância das artes visuais no ato educativo. **Pedagogia em ação**, v.2, n.2, p. 1-117, nov. 2010. Disponível em:
<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/4850/5029>>. Acesso em: 13 abr. 2018.



O FUNDO DO MAR EM RECORTES E COLAGENS

Graziene Dantas da Silva, Jessica Cristina Bertolino Ferreira Costa,
Angélica Martins Rodrigues, Daiane Alves Ramos, Emanuely Franthesca
Pereira Emiliano, Lisle Cristina de Oliveira Carvalho.

Introdução

A arte é necessária para que o homem [e mulher] se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente. (FISCHER, 2007, p.20).

A arte está presente em nossas vidas e possui total significado para as finalidades a que se propõe a educação infantil, conforme preconizam os documentos legais brasileiros. Brincando a criança aprende e compreende o mundo à sua volta. O lúdico estabelece contato com a magia, possibilitando que a criança se envolva e se torne sujeito principal no processo de ensino e aprendizagem. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB (BRASIL, 1996), em seu artigo 29, “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem com finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”,

Nesse sentido, Fischer (2007, p. 57) assim observa, “A arte capacita o homem [e mulher] para compreender a realidade e o [a] ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para humanidade. A arte, ela própria, é

uma realidade social”. Isso nos possibilita dizer que a arte é uma atividade coletiva, que cumpre com suas funções sociais frente à possibilidade de inserção e transformação de nós mesmos e do meio no qual vivemos. Por meio da arte, em seu processo e produção, o ser humano se desenvolve, expressa e se comunica consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Quando se trata da educação infantil, percebemos a necessidade de se buscar inúmeras possibilidades de contato das crianças com as mais diferentes manifestações e práticas artísticas, de modo a desenvolver habilidades cognitivas e motoras e criar vínculos de afetividade.

É preciso interagir com mais humanidade. Professores e professoras carecem de um olhar mais amplo, solidário e comprometido com o seu ofício, que fundamentalmente lida com o outro, que não é um outro qualquer, mas o outro do qual eu preciso e o qual de mim também se alimenta. Faz-se necessário desenvolver olhares mais humanos e éticos, capazes de transformar a realidade para dela fazer o seu espaço de boa convivência e efetiva educação. Professores e professoras são responsáveis pela possibilidade do sonhar de cada criança em convivência.

Para Freire (1996, p. 51),

Quanto maior se foi tornando a solidariedade entre mente e mãos, tanto mais o suporte foi virando mundo e a vida, existência. O suporte veio fazendo-se mundo e a vida existência, na proporção que o corpo humano vira corpo consciente, captador, apreendedor, transformador, criador de beleza e não “espaço” vazio a ser enchido por conteúdos. (FREIRE, 1996, p. 51).

Ainda para o autor (1996),

A invenção da existência envolve, repita-se, necessariamente a linguagem, a cultura, a comunicação em níveis mais profundos e complexos do que o que ocorria e ocorre no domínio da vida, a espiritualização do mundo, e tudo isso inscreveria mulheres e homens como seres éticos. (FREIRE, 1996, p. 51).

Especificamente sobre o ensino de arte no Brasil, essa atividade é caracterizada por um esvaziamento dos conteúdos, concepção legitimada através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de nº 5.692, promulgada em 11 de agosto de 1971, que instituiu o ensino

obrigatório de arte nos currículos das escolas de 1º e 2º graus. A partir daí, o ensino de arte ficou sob a rubrica de “Educação Artística”. Nesta lei, constavam duas modalidades de ensino de arte: disciplinas e atividades. No contexto político e social do Regime Militar, essa lei desempenhou o papel de cumprir formalidades e ocupar horários vagos nas escolas. A arte como atividade tinha as seguintes práticas pedagógicas: cantos na rotina escolar, preparação de comemorações e festividades, fazer a decoração de festas cívicas, religiosas, etc. (BRASIL, 1971).

Até que, pensando-se no ensino da arte como conhecimento, da ideia da arte na educação com ênfase na própria arte, arte como uma área do conhecimento, como construção social, histórica e cultural, passou-se do “como se ensina arte” para “como se aprende arte”. Assim, buscou-se pela compreensão dos processos que envolvem a arte como área do conhecimento e da sensibilidade, fruto da luta política e conceitual dos profissionais na área, particularmente os arte/educadores brasileiros. (BARBOSA, 2011).

Período de protesto sobre a importância da arte na formação dos/as estudantes e sua aplicação, a qual constou de especificidades - objetivos, conteúdos, metodologia e avaliação. Nesse contexto, é que é promulgada a nova LDBEN, de nº 9.394, que depois de uma década revogou as disposições

anteriores, concebendo ao ensino da arte o caráter de promover o desenvolvimento cultural dos estudantes. Arte tornou-se disciplina obrigatória na educação básica. Em seu artigo 26, parágrafo 2º: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 1996).

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998), a arte é linguagem e por isso se caracterizam como formas importantes de expressão e comunicação humana, daí sua presença na educação. É por meio da arte que a criança expressa sua sensibilidade e imaginação, tornando possível ao professor/a identificar a espontaneidade e autonomia no fazer artístico de cada criança e assim criar possibilidades através da arte para estimular e explorar a cognição, desenvolvendo habilidades e considerando o nível de desenvolvimento e subjetividade das crianças.

Durante muito tempo o ensino de arte na educação foi compreendido apenas como passatempo, algo irrelevante para a aprendizagem infantil. Pesquisas realizadas por vários campos das ciências humanas sobre o desenvolvimento da criança trouxeram reconhecimento da importância do ensino de arte na escola, valorizando o processo crítico e criador da criança, o que colabora para a aprendizagem significativa.

A arte é um modo privilegiado de conhecimento e aproximação entre indivíduos de culturas distintas, pois favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças expressas nos produtos artísticos e concepções estéticas, num plano que vai além do discurso verbal: uma criança da cidade, ao observar uma dança indígena, estabelece um contato com o índio que pode revelar mais sobre o valor e a extensão de seu universo do que uma explanação sobre a função do rito nas comunidades indígenas. E vice-versa. (BRASIL, 1998, p. 33).

As crianças em contato com a arte e seu ensino interagem com o outro e com as coisas do mundo, desenvolvem a capacidade crítica, a autoconfiança, habilidades motoras, criatividade, afetividade, noções de espaço e tempo, expressam vivências do seu cotidiano e se expressam, por isso a urgência e necessidade de se realizar tais práticas.

Desenvolvimento

O interesse da criança em participar de atividades artísticas, de fazer arte, relaciona-se com o ambiente no qual está inserida, os estímulos, as pessoas com as quais a criança convive, considerados os diferentes níveis de interação, os materiais e tantos outros fatores. Sabemos do quão

singular são as experiências artísticas, já que o significado de toda experiência é um dado muito particular do sujeito que a realiza. É preciso ter conhecimento e respeito pelos estágios de desenvolvimento da criança, condição fundamental para o reconhecimento de cada um, como ser único e ativo, capaz de se desenvolver de acordo com seus interesses, aptidões e condições.

Albinati (2009), conforme citam Silva *et al.* (2010), observa que,

Fazer arte reúne processos complexos em que a criança sintetiza diversos elementos de sua experiência. No processo de selecionar, interpretar e reformar, mostra como pensa, como sente e como vê. A criança representa na criação artística o que lhe interessa e o que ela domina, de acordo com seus estágios evolutivos. Uma obra de arte não é a representação de uma coisa, mas a representação da relação do artista com aquela coisa. [...] Quanto mais se avança na arte, mais se conhece e demonstra autoconfiança, independência, comunicação e adaptação social. (ALBINATI, 2009, p. 4, APUD SILVA ET AL., 2010, p. 98).

O/a professor/a deve se atentar ao uso de materiais didáticos que contribuam para que seja promovido um ensino que estimule e incentive a melhoria da autoestima, o fortalecimento da autonomia e da capacidade criativa nas crianças. Podemos dizer que a atividade de colagem é um bom recurso para trabalhar com crianças na Educação Infantil, pois oferece diversas possibilidades de materiais para

serem explorados. O/a professor/a deve se preocupar em relação à escolha desses materiais, os quais devem atender à diversidade de texturas, cores, tamanhos, formas etc., deixando as crianças livres para imaginar e criar, mediadas pelas orientações dos/as professores/as nas diferentes etapas de construção das atividades. Para a colagem por exemplo, pode-se usar papéis de diferentes formas, cores e texturas; cordões; pedras; areia; cereais, etc. O importante é que a criança experimente as diferentes sensações em contato com essa diversidade de material, e sua utilização; que as crianças tenham despertado o interesse em explorar os diferentes materiais e objetos, que se sintam livres para imaginar, criar e executar suas produções artísticas.

Objetivos

A atividade que discutimos nesse texto foi realizada com crianças da Educação Infantil, com idade entre quatro e cinco anos, regularmente matriculadas em uma escola pública municipal de Ituiutaba, Minas Gerais. A oficina constou de atividades de colagem, em busca de estimular a criatividade, a sensibilidade e aperfeiçoar a coordenação motora e as noções de espaço das crianças participantes (cem ao todo, organizadas em cinco grupos de vinte cada, no período de 13 às 15 horas), de modo a contribuir com o desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor dessas crianças.

Metodologia

Fundamentados no princípio de que a arte contribui para que a criança desenvolva a psicomotricidade, fazendo com que o aprender se torne interessante e estimulante para as pessoas envolvidas, utilizamos a própria sala de aula como espaço para a realização da oficina de arte, com foco em recortes e colagens. No primeiro momento, colocamos um pedaço de não tecido azul na lousa, com extensão e metragem o suficiente para tampar toda a superfície e cumprir com a função de simular para as crianças que ali seria o fundo do mar. Em seguida, apresentamos às crianças dois habitantes do fundo do mar: o peixe e a estrela do mar.



Figura 1 - Demonstração do peixe a ser criado.
Acervo Pessoal.

Depois, as crianças foram orientadas a escolher entre peixe ou estrela do mar, sendo que um desses habitantes ficaria no fundo do mar e o outro elas poderiam levar para suas casas. No segundo momento, as crianças receberam inicialmente o molde do peixe e o material para colagem, que foram: forminhas de doce e cola, ficando, assim, livres para explorar a imaginação e criar seu próprio peixe. Após, receberam o molde da estrela do mar e o material para colar e decorar, como: cola, cordão e pedrinhas. Por fim, as crianças, uma a uma, escolheram entre o peixe ou a estrela do mar, e se puseram a compor o cenário do fundo mar, decidindo qual seria o lugar onde fixariam seus peixes ou suas estrelas do mar.

Discussões

As crianças desempenharam com sucesso as atividades propostas, quando interagiram coletivamente e foi possível observar (com base na expressão dos diferentes olhares de alegria e entusiasmo bem como nos sorrisos e na euforia da movimentação em meio ao fazer artístico) o interesse em criar seu próprio peixe e estrela do mar; além do estado de indecisão e dúvida diante da situação de ter que escolher/decidir qual habitante levariam para casa e qual deixariam para compor o cenário. Mediadoras nas atividades de recorte e colagem, observamos que tanto a coordenação motora como a capacidade e habilidade das crianças em colar os materiais nos moldes foi realizada a contento. Ou seja, as forminhas foram coladas no molde do peixe e as pedrinhas e cordões no molde da estrela do mar, ocupando todo o molde, sem deixar grandes lacunas ou colar com sobreposição de materiais.

Considerações

Atividades em arte oferecem aos professores/as um vasto campo de possibilidades e realizações, tendo em vista a grande quantidade de recursos, considerados válidos e de relativa importância, para desenvolver atividades potentes na ampliação da criatividade das crianças, de modo a contribuir no processo de formação para a autonomia e constituição de identidade. Por meio da arte a criança expressa sentimentos, pensamentos e vivências de forma lúdica e prazerosa. Atividades que envolvem recortar e colar podem ser utilizadas como importantes recursos de aprendizagem, especialmente na



Figura 2 - Painel criado pelos alunos.
Acervo Pessoal.

Educação Infantil. Além de desenvolver a coordenação motora fina, já que o pinçar trabalha as partes mais extremas dos dedos, dando às crianças maior destreza na aquisição de novas habilidades.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. As mutações do conceito e da prática. In: _____. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais: Arte**/Secretaria de Educação Fundamental. Caracterização da área de arte. 2ª. ed. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>>. Acesso em: 17 de março de 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 5692, 11 de agosto de 1971.
Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/136683.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9394, 20 de dezembro de 1996.
Disponível em:
<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf>.
Acesso em: 24 mar. 2018.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Trad. Leandro Konder. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários às práticas educativas. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SILVA, Elizangela Aparecida da; OLIVEIRA, Fernanda Rodrigues; SCARABELLI, Letícia; COSTA, Maria Lorena de Oliveira; OLIVEIRA, Sâmyla Barbosa. Fazendo arte para aprender: a importância das artes visuais no ato educativo. **Pedagogia em ação**, v. 2, n. 2, p. 1-117, nov. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/4850/5029>>. Acesso em: 24 ago. 2018.



SOLTANDO A IMAGINAÇÃO

**Ana Paula Barbosa Gomes, Daniela Cristina de Araújo
Iusle Freitas Martins, Jéssica Borges Sant'Ana, Joana Rita de
Moraes Lima, Lorena Isadora Costa, Paloma Silva Alves
Wislainy Maria França Guimarães.**

Introdução

Compreendemos que é de grande importância que as crianças tenham contato com as artes, pois no processo de vivência e conhecimento com as artes, vários aspectos estão envolvidos, como a inteligência e o raciocínio, a expressão e a imaginação, a percepção, a socialização e o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor, dentre outros. Enfim, sabemos que o fazer artístico promove uma infinidade de aprendizados e desenvolvimentos.

Vejam,

Como outras linguagens, as artísticas são formas de expressão e comunicação, mas têm características próprias: um repertório de produtos e fazeres socialmente construídos. As linguagens artísticas são instrumentos mediadores na construção da identidade cultural dos alunos, tanto quando estes têm acesso ao repertório específico da Arte, como quando usam as linguagens artísticas para compreender e representar outros sistemas simbólicos. (PONTES, 2001, p. 33).

As artes são linguagens que, assim como a linguagem verbal, comunicam, expressam, educam, dizem muito sobre o mundo, as coisas e as pessoas, ou seja, revelam sentimentos e emoções, características individuais e coletivas, representando a oportunidade que as pessoas têm de se

realizarem e de existirem, de se educarem em comunhão. Para Freire (2014), "Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens [e mulheres] se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo" (p. 96).

Ainda, com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's - (BRASIL, 1998), devemos incentivar as crianças a expressarem seus sentimentos e pensamentos, a desenvolverem a imaginação, a curiosidade e a capacidade de expressão. Nesse sentido, Pontes (2001, p. 34) observa que "[...] a Arte envolve a expressão individual e coletiva de sentimentos e valores da cultura", o que em muito contribui com os processos de formação de pessoas, tanto individualmente como coletivamente.

Objetivos

Tendo em vista a oficina realizada, tivemos como objetivo principal proporcionar às crianças um contato mais direto com a leitura, a pintura e o desenho, visando o desenvolvimento da concentração, criatividade e o estímulo da imaginação lúdica, como princípios fundamentais dos processos de criação e produção artística bem como expressão de sentimentos e constituição de autonomia. Além de oportunizar o contato com diferentes materiais da arte de pintar, desenvolver habilidades motoras finas e a capacidade de se expressar por meio do uso e escolha de cores, formas, tamanhos, símbolos, bem como trabalhar a socialização, a comunicação e o respeito entre as pessoas envolvidas.

Metodologia

A oficina *Soltando a Imaginação* ocorreu no dia 05 de outubro de 2017, na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba, no período das 13 às 15 horas. Nessa oficina, recebemos cem crianças, organizadas em grupos de vinte crianças cada. As crianças - matriculadas regularmente na Educação Infantil da Escola Municipal Salim Bittar, com idade entre quatro e cinco anos - se revezaram nas oficinas, cinco ao todo, sendo que uma delas foi na brinquedoteca da universidade, local onde se brinca e se constroem brinquedos. As demais oficinas aconteceram em salas de aula, espaços de boa luminosidade e adequada infraestrutura para a realização das atividades propostas.

A inspiração para a oficina de pintura surgiu a partir de uma visita feita junto ao ateliê de arte e pintura da artista plástica tijuicana Cecília Vasconcelos, atividade que integrava um projeto de extensão da UEMG intitulado “Visitas de reconhecimento”, sob a responsabilidade da professora Denise Andrade de Freitas Martins.

Na sala onde se realizou a oficina *Soltando a Imaginação*, inicialmente as estudantes da UEMG se apresentaram às crianças da Educação Infantil, que estavam organizadas em grupos, vinte participantes cada.

Pensando-se na importância da leitura na Educação Infantil - em tudo que a leitura pode beneficiar às crianças, pois é a partir dela que as crianças podem se descobrir de várias maneiras, imaginar o que pretendem, serem incentivadas, tornando-se boas e ávidas leitoras na vida adulta e até desenvolver uma postura crítico-reflexiva - (extremamente importante na formação cognitiva, pois quando uma criança



Figura 1 - Porta de entrada da oficina Soltando a imaginação. Acervo Pessoal.

ouve ou lê uma história ela se sente parte dela, ela é capaz de comentar, indagar, discutir) -, e em seus benefícios à criança, passou-se à explicação da atividade.

Nesse sentido, cabe apresentar as compreensões de Amorim e Farago (2015), de que

[...] a leitura iniciada desde a Educação infantil deve ser considerada para enriquecer o potencial linguístico, promovendo oportunidade mais eficaz de educação, desenvolvendo a linguagem e o desempenho intelectual das pessoas, aumentando a transmissão de conhecimento, auxiliando na formulação de perguntas e respostas correspondentes. (p. 135).

Realizada a explicação da atividade, passou-se à leitura e contação da história *A que distância está o sol*, de Iris Buchholz e Max Bolliger (1991, p.1).

A que distância está o sol?

— Um barco à vela... montanhas... um castelo — diz Ana, a pintar e a falar consigo mesma. A mãe está no sofá a tricotar uma camisola de malha. O desenho de Ana e a camisola são prendas de anos para o pai.

Ana desenha no céu um sol com a cara risonha.

“O sol não tem cara”, pensa Ana.

Olha pelas janelas. Hoje o sol é um disco pálido por detrás de um véu de nevoeiro.

— O sol não é um vidro mas uma bola — diz a mãe. — O sol é uma estrela fixa. Os planetas movimentam-se à volta dele, e a terra também.

— A que distância está o sol? — pergunta Ana.

— A milhões de quilômetros — responde a mãe a rir-se.

Ana queria saber exatamente. Numa estante da sala está uma fileira de livros grossos. Por fora está escrita uma palavra que Ana consegue decifrar sozinha: Enciclopédia. A mãe tira um dos volumes e folheia-o.

— Cento e quarenta e nove milhões e quatrocentos e oitenta mil quilômetros — diz e escreve o número numa folha de papel: 149480000. — O sol é uma enorme bola de fogo em brasa.

Ana tenta imaginar essa bola. Há muitas coisas que são diferentes da forma como as vemos com os olhos.

Ana olha para o seu sol e pinta-lhe uns raios em volta da cara risonha.

Depois de contada a história, formaram-se quatro grupos para a realização das atividades de pintura, de modo a despertar nos/as estudantes a imaginação e a capacidade de relacionar a história aos processos de criação. Os materiais

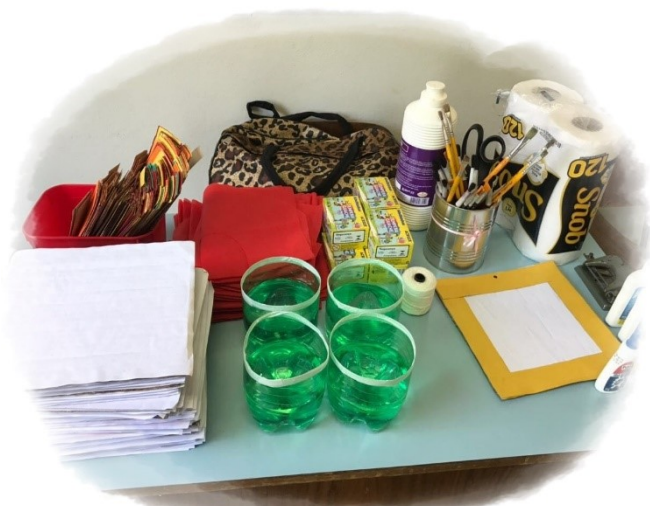


Figura 2 - Materiais que foram utilizados.
Acervo Pessoal.

utilizados foram: tintas guache; pincéis; cola branca; quadros feitos de papelão (20cm X 20cm); papel cartão de cores variadas para as molduras (20cm X 3cm); garrafas pet cortadas ao meio, para que pudessem limpar os pincéis sujos de tinta; papel toalha para secar os pincéis; jornais (usados para forrar o chão); aventais feitos de não-tecido distribuídos para cada criança e barbante para amarrar as molduras.

As crianças, ao longo da realização das atividades de pintura, dividiram os materiais umas com as outras, aprendendo a trabalhar em grupo e fortalecendo os laços de socialização com os demais colegas, além da expressão de cada um/a no seu modo de criar e se expressar. Finalizada a atividade, foi feita a colagem da moldura nos quadros e a secagem dos mesmos e em seguida a amarração de um pequeno cordão de barbante de aproximadamente 10cm em cada quadro, para que as crianças pudessem pendurá-los em paredes quando chegassem em suas casas, assim: cada um/a com o seu quadro, obra e criação. E, para encerrar, foram entregues doces aos participantes da oficina.

Discussões

Os/s participantes da oficina, crianças em idade entre quatro e cinco anos, realizaram as atividades com sucesso, cumprindo com todos os objetivos propostos. Foi possível observar que as crianças dividiram os materiais, sem conflitos, ao emprestarem e trocarem os materiais entre si. Prevaleceu o trabalho em equipe, com cuidado e zelo em relação aos materiais disponibilizados. As crianças, interagindo entre si e envolvidas nas atividades, demonstravam interesse e satisfação no fazer artístico, expressavam-se, por meio da pintura, pareciam colocar no papel o que estavam vivendo e/ou sentindo.



Figura 1. Crianças trabalhando em equipe.
Acervo Pessoal.

O desenho constitui para a criança é uma atividade total, englobando o conjunto de suas potencialidades e de suas necessidades. Ao desenhar, a criança expressa a maneira pela qual se sente existir. O desenvolvimento do potencial criativo na criança, seja qual for o tipo de atividade em que ela se expresse, é essencial ao seu ciclo inato de crescimento. Similarmente, as condições para o seu pleno crescimento (emocional, psíquico, físico, cognitivo) não podem ser estáticas. (DERDYK, 2010, p. 50).

De acordo com Lowenfeld e Brittain (1977), inicialmente as crianças veem o desenho como forma de rabiscar, mas através dos próprios desenhos elas podem se expressar, mostrar seus sentimentos. Desenhar, além de ser algo prazeroso para a criança, é extremamente importante no cotidiano de cada uma delas. A criança deve ter, a todo momento, a possibilidade de realizar experiências com tantos materiais quanto for possível. Os diversos materiais, dentre diferentes consistências e texturas, enriquecem a sensibilidade tátil infantil. Os/as professores devem explorar esse lado artístico das crianças, oferecendo diferentes materiais, mostrando que é possível fazer arte de inúmeras formas, cores e texturas, estimulando a participação, o envolvimento e o desenvolvimento em meio ao fazer artístico, aumentando a capacidade criativa e imaginativa da criança, desenvolvendo habilidades motoras, cognitivas e afetivas, criando possibilidades de constituição de autonomia, quando escolhe materiais e cria formas, dá asas à imaginação.

Quando as crianças finalizaram as atividades de pintura, foi realizada a colagem dessas pinturas sobre uma moldura produzida em EVA¹, e, em seguida, fez-se uma exposição, para dar visibilidade ao que as crianças produziram.



Figura 2. Resultado do trabalho das crianças.
Acervo Pessoal.

¹ Uma mistura de alta tecnologia de Etil, Vinil e Acetato, conhecida entre artesãos e artistas como EVA, simplesmente.

Considerações finais

Responsáveis pelo planejamento e execução dessa oficina, e autoras desse texto, queremos expressar a nossa satisfação em relação aos objetivos alcançados e, sobretudo, o entendimento do quanto essa experiência se revelou uma situação oportuna de muitos aprendizados e reflexões, servindo de estímulo para novas e outras experiências. Ainda, por pensarmos o quanto foi importante para nós, estudantes em processo de formação, para professores da Educação infantil e anos iniciais, elaborar e executar roteiros de ação, assim como avaliar sua aplicação e escrever sobre a experiência de modo a compartilhá-la com outras pessoas e profissionais na área.

Por isso, nos sentimos autorizadas a dizer que a arte sempre estará presente em nosso dia a dia, ela é a própria expressão humana. Entretanto, enquanto estudantes em processo de formação, e já em contato com as escolas e seu ensino, nos deparamos com profissionais que, de acordo com nossas observações e compreensões, não apresentaram ter uma formação aprofundada, sensível e consistente no que diz respeito às Artes. Ou, até mesmo, que tratam como simples passatempos os momentos tão sagrados e especiais de expressão de cada criança em sala de aula. Por isso, é preciso

levar a sério o processo de formação de professores/a, lugar onde a Arte deveria ocupar espaço de destaque e devida importância.

Para Loponte (2008, p. 119),

A formação em arte da maioria das pessoas ainda é muito precária. As professoras são frutos dessa mesma escola que valorizou demasiadamente a aprendizagem da leitura, da escrita e da matemática ou uma determinada racionalidade, em detrimento de outras formas de conhecer e pensar sobre o mundo, como as artes visuais, a música, o teatro e a dança.

Os/s professores/as e futuros professores/as precisam ser estimulados no processo do ensino e aprendizagem das artes, explorar diferentes culturas, reconhecer e conviver com a alteridade. Há muito o que aprender! No que se refere à educação, ou outra área qualquer, precisamos dar continuidade aos estudos, pois as mudanças são muitas e estão acontecendo a uma velocidade sem igual. Devemos ficar atentos/as para poder acompanhar tais mudanças e inovações e só assim poder testemunhar as transformações, diante de nossa capacidade de aprender e ensinar sempre, como

forma de superação de nossas dificuldades, carências e desejos, a vocação do *ser mais* de cada um de nós, parafraseando Freire (2014).

Pensamos ser compromisso de todo docente saber e buscar sempre mais, e novos, conhecimentos, para só assim ser capaz de se realizar e trabalhar na perspectiva da transformação, particularmente quando se trata de Artes na educação infantil. Ou seja, é preciso perguntar o porquê trabalhar e quais são os objetivos com base nas atividades propostas, ao contrário de ficar preso às atividades prontas, xerografadas, as quais limitam a imaginação das crianças, quando trazem prontos, e por vezes estereotipados, os desenhos. Os/as professores/as responsáveis pelos/as estudantes em processo de formação para a docência devem fazer com que os/as futuros/as docentes mergulhem “[...] em experiências que as [os] desloquem, que as [os] perturbem, que subvertam esse modo linear e contínuo de compreender a arte e a infância” (LOPONTE, 2008, p.121).

Trabalhando com Artes na educação infantil, além de desenvolver as várias habilidades das crianças, podemos também apreciar/analisar as pinturas por elas criadas. Através das artes, aqui

especificamente a pintura, quem sabe podemos saber um pouco mais daquilo que se passa com essa ou aquela criança, os mais diferentes modos de sensibilidade e expressão. Trabalhando-se uma infinidade de habilidades artísticas, onde não há lugar para professor/a e estudante, já que todos são eternos aprendizes, podemos perceber melhor o outro com o qual convivemos e trabalhamos, e só assim sermos capazes de reconhecê-lo, porque somos o que somos, cada qual à sua própria maneira, porque somos em comunidade.

Referências

AMORIM, Meire Catalani Beluzo; FARAGO, Alessandra Corrêa. As práticas de leitura na educação infantil. **Cadernos de educação**: ensino e sociedade. Bebedouro, v. 2, n. 1, p. 134-154, 2015.

Disponível em <

<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200353.pdf>

>. Acesso em: 22 ago. 2018.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUCHHOLZ, Iris.; BOLLIGER, Max. **30 geschichten zum verschenken**. Lahr: Verlag Ernst Kaufmann, 1991. Disponível em:

<<https://historiasparaosmaispequenos.wordpress.com/2007/09/10/a-que-distancia-esta-o-sol/>>

Acesso em: 10 set. 2017.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. Porto Alegre: Zouk, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte e metáforas contemporâneas para pensar infância e educação.

Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 112-122, jan/abr. de 2008.

Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000100010&lng=en&nrm=iso)

24782008000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 mai. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782008000100010>.

LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, Lambert W. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

PONTES, Gilvânia Maurício Dias. **A presença da arte na educação infantil:** olhares e intenções. Natal, 2001. 190 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <www.ufrgs.br/gearte/dissertacoes/dissertacao_gilvania.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2018.



PLANTANDO COM AS MÃOS

Dorcina Aparecida De Oliveira, Kátia Alves Silva,
Natalia Juvelina da Silva, Nathália Cássia Santos Silva.

Introdução

Neste texto queremos descrever e compartilhar o processo e resultados de uma experiência vivenciada em uma oficina de Artes realizada com crianças de quatro e cinco anos de idade. Para tal, primeiramente recorreremos à revisão de literatura (arquivos impressos e eletrônicos), dentre documentos legais, artigos de revistas, periódicos, livros e capítulos de livros. Dentre os arquivos e materiais, primeiramente nos apoiamos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394-1996 – LDB (BRASIL, 1996) e no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – Em seguida, trataremos do processo de escolha e decisão da temática trabalhada na oficina bem como a



Figura 1:molde das mãozinhas criadas pelas crianças. Acervo Pessoal.

elaboração do plano de aula, tendo em vista sermos estudantes do curso de Pedagogia, em processo de formação para professor/a.

Foi daí que surgiu a ideia e o roteiro de ação intitulado “Plantando com as mãos”. Na modalidade de oficina, a atividade seria realizada por ocasião das comemorações do Dia das crianças, no mês de outubro, estação da primavera. Por isso, pensamos em oferecer/criar um cenário colorido, integrando o conteúdo aplicado à imaginação, de modo a contribuir, mesmo em se tratando de uma experiência de curta duração (cerca de 30 minutos para cada grupo de vinte crianças cada; sendo no total cem crianças organizadas em cinco grupos), com o desenvolvimento das crianças participantes da oficina, tanto na dimensão intelectual como social, afetiva e psicomotora.

Desenvolvimento

No que se refere à estruturação da oficina, com base nos Referenciais Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), pensamos em trabalhar com três eixos – movimento, artes e matemática.

Em relação ao **Movimento**, compreendemos que a oficina “Plantando com as mãos” poderia estimular a ampliação de gestos e o estímulo da coordenação motora, diante da realização das seguintes ações: recortar e colar pequenas flores e desenhar as próprias mãos, explorando a temática da estação Primavera, estação das flores e período no qual a natureza está repleta de cores. A oficina “Plantando com as mãos” visou atender e respeitar a faixa etária das crianças que variaram entre quatro e cinco anos, estudantes da Educação Infantil.

Nesse sentido, procuramos elaborar um plano de aula que proporcionasse às crianças o desenvolvimento da capacidade criativa, bem como da coordenação motora, percepção de cores e tamanhos, além de estimular a promoção de conhecimento construído em face à capacidade de criar, de modo participativo e divertido.

Dessa forma, no que se refere à aplicação do referido plano, é importante ressaltar que, enquanto estudantes do curso de Pedagogia, 2º período, da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), mediando as vivências e aprendizagens em meio à oficina, procuramos interagir com as crianças, motivando-as a cortar as flores, colar,

fazer molde das próprias mãos, em busca de tentar despertar o interesse pela atividade proposta. Fizemos perguntas, como por exemplo: Com qual letra começa a palavra primavera? Qual a última letra da palavra primavera? Quais as cores das flores? A palavra flores começa com qual letra? E assim as crianças iam respondendo e fazendo relações com as letras do tema trabalhado e com a



Figura 2 – Painel de onde surgiram as perguntas.
Acervo Pessoal.

letra de seus nomes, fazendo perguntas como, por exemplo, “Fabiana tem a letra F assim como flores?”; “E Patrícia, tem a letra P assim como primavera?”, dentre outras.

Partimos do entendimento de que atividades artísticas são de suma importância para as crianças, sejam para contribuir na percepção mais adequada dos movimentos corporais ou de suas capacidades e limitações, como modos de constituição de autonomia e aprimoramento das habilidades motoras. Cabe ressaltar que as atividades da oficina foram realizadas em forma de roda, de modo a possibilitar uma melhor interação entre as crianças que compunham cada turma assistida (cinco ao todo), já que a proposta contemplava diversificar a atuação/ação das crianças na experimentação e troca dos materiais utilizados.

Outro dado considerado de grande importância foi em relação à lateralidade, pois durante a realização da atividade, as crianças tiveram liberdade de usar ambas as mãos no trabalho realizado, o que nos possibilitou observar a preferência de cada criança em relação a usar a mão esquerda ou direita. Tal situação fez com que se respeitassem as escolhas das crianças, ao se acolher a melhor opção de uso das mãos.

A seleção dessa atividade, de plantar com as próprias mãos, objetivou inserir essa rotina de desenhar a própria mão como atividade corriqueira, onde as crianças pudessem desenvolver um trabalho de forma interativa com movimentos e coordenação motora, ampliando tanto a percepção de limites do próprio corpo como a imaginação, a diversão e melhoria da autoestima, formas de constituição de autonomia.

As atividades foram realizadas nas salas de aulas da UEMG, ambientes com amplo espaço para realizar o que foi proposto, de forma dinâmica, num trabalho livre e divertido.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998),

É aconselhável que os locais de trabalho, de uma maneira em geral, acomodem confortavelmente as crianças, dando o máximo de autonomia para o acesso e uso dos materiais. Espaços apertados inibem a expressão artística, enquanto os espaços suficientemente amplos favorecem a liberdade de expressão. (BRASIL, 1998, p.110).



Figura 3: Objeto de referência.
Acervo Pessoal.

Ainda,

As instituições de educação infantil devem favorecer um ambiente físico e social onde as crianças se sintam protegidas e acolhidas, e ao mesmo tempo seguras para se arriscar e vencer desafios. Quanto mais rico e desafiador for esse ambiente, mais ele possibilitará a ampliação de conhecimentos acerca de si mesmas, dos outros e do meio em que vivem. (BRASIL, 1998, p.15).

Acrescente-se que, anteriormente à realização da oficina, a sala que recebeu as crianças (havia outras atividades sendo realizadas ao mesmo tempo em outras salas) foi enfeitada com flores de muitas cores e formas. Era primavera! Na porta da sala estava escrito o nome da atividade, *Plantando com as mãos*, dada a compreensão de que é muito importante que o ambiente onde se realizam atividades didático-pedagógicas em artes esteja decorado conforme a temática proposta, ou

seja, é preciso ensinar e aprender em locais acolhedores e alegres, que possibilitem a emergência de processos criativos e educativos.

Por que trabalhar na área das **Artes**? Porque arte é uma forma de linguagem, de grande importância para a educação infantil, porque no fazer artístico as crianças são capazes de se expressarem e de se comunicarem, de forma lúdica, prazerosa, criativa e sensível. Ainda, por compreendermos que a temática da primavera assim se aplicava, considerando-se que a atividade realizada deveria possibilitar a interação entre educadoras e estudantes (BRASIL, 1998), na pretensão de articulação da atividade ao universo da criança, ou seja, em conformidade com sua realidade, conferindo, assim, a possibilidade de que essa mesma prática fosse continuada da escola para os lares, como parte do cotidiano de cada criança. Primavera como tema de percepção e conhecimento de mundo e muito especialmente de cuidado com a natureza: importância de se plantar árvores e de se viver na/com a natureza.

Ao final da atividade foi possível observar a satisfação e a alegria das crianças ao produzirem suas obras. O sorriso e a forma com que olhavam (admirando) seus trabalhos nos deram asas para pensar que havíamos alcançado os objetivos propostos, guiadas pelo propósito de, “[...] interessar-se pelas próprias produções, pelas de outras crianças e pelas diversas obras artísticas (regionais, nacionais ou internacionais) com as quais entrem em contato, ampliando seu conhecimento do mundo e da cultura” (BRASIL, 1998, p. 95). Mas, também, “[...] produzir trabalhos de arte, utilizando a linguagem do desenho, da pintura, da modelagem, da colagem, da construção, desenvolvendo o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de produção e criação”. (BRASIL, 1998, p. 95).

Sobre o fazer artístico e as orientações didático-pedagógicas, foram disponibilizados materiais de fácil contato e exploração (papel, cola e pincéis atômicos), os quais ofereciam segurança às crianças, respeitadas as diferentes idades, conforme constam no RCN. Vejam-se: “É aconselhável, portanto, que o trabalho seja organizado de forma a oferecer às crianças a possibilidade de contato, uso e

exploração de materiais, como caixas, latinhas, diferentes papéis, papelões, copos plásticos, embalagens de produtos, pedaços de pano etc.”. (BRASIL, 1998, p. 100).

Ainda, desenvolver condições de uso do próprio corpo, quando as próprias mãos se configuraram em modelos para a realização do trabalho, possibilitando assim ampliar a noção dessas crianças no que se refere à variedade de tamanhos, formas e demais características. Por isso,

É interessante propor às crianças que façam desenhos a partir da observação das mais diversas situações, cenas, pessoas e objetos. O professor pode pedir que observem e desenhem a partir do que viram. Por exemplo, as crianças podem perceber as formas arredondadas dos calcanhares, distinguir os diferentes tamanhos dos dedos, das unhas, observar a sola do pé e a parte superior dele, bem como as características que diferenciam os pés de cada um. (BRASIL, 1998, p.101).

O fazer artístico e sua apreciação são potentes para despertar o interesse de crianças da Educação Infantil, possibilitando a elas uma prática educativa capaz de lhes oferecer tanto prazer como também diversão, estimulando a melhoria da autoestima e constituição de autonomia.

A ludicidade na Educação Infantil, fazer brincando com alegria, é assegurada em forma de lei. Pode-se pensar e discutir a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, (BRASIL, 1996), onde se assegura o direito de oferecer o conteúdo de Artes às crianças, conforme previsto no artigo 26, no parágrafo 2º, que diz: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação infantil e do ensino fundamental, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

Além da LDB, os docentes são guiados por um documento oficial para a Educação Infantil, que é o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998, p.89), onde se preconiza que “as artes devem ser concebidas como uma linguagem, tanto no âmbito da prática como da reflexão, com estrutura e características próprias”. Desse modo, devem-se envolver as crianças em um ambiente onde elas possam ter acesso à arte, que proporcionará a elas contato com o sensível, despertamento da curiosidade e estimulação da criatividade.

Assim,

Embora todas as modalidades artísticas devam ser contempladas pelo professor, a fim de diversificar a ação das crianças na experimentação de materiais, do espaço e do próprio corpo, destaca-se o desenvolvimento do desenho por sua importância no fazer artístico delas e na construção das demais linguagens visuais (pintura, modelagem, construção tridimensional, colagens). (BRASIL, 1998, p. 92).

É de grande importância ressaltar o quanto é necessário (enquanto estudantes em processo de formação para professoras e autoras desse texto) ter contato com crianças em meio às vivências e experiências artísticas. A realização da atividade aqui descrita possibilitou observar o envolvimento das crianças na atividade e o tempo que cada uma delas levou na elaboração de seu trabalho. Cada criança possui seu tempo, de onde se pode dizer que, para sua segurança e desenvolvimento, é indispensável a mediação do/a professor/a. Como nos orientam os RCNEI (BRASIL, 1998, p. 107-108): “É aconselhável que o professor esteja atento para redimensionar as atividades propostas, seja em relação ao tempo, ou à própria atividade. Cada criança, pelo seu ritmo, demonstra a necessidade de prolongar o tempo de trabalho ou de reduzi-lo, quando for o caso”.

Ainda, em relação à organização do espaço, proporcionou-se às crianças uma sala ampla e decorada com flores feitas de papel, deixando evidente o tema escolhido, a primavera. Dentre os materiais, foram disponibilizados cola; papéis com desenhos de mão, flores e vasos; e canetinhas coloridas.

Assim, reforçam os RCNEI (BRASIL, 1998, p. 110), de que “[...] é aconselhável que os locais de trabalho, de uma maneira geral, acomodem confortavelmente as crianças, dando o máximo de autonomia para o acesso e uso dos materiais”. Moreira (1993, p. 52) corrobora com tal afirmação, ao descrever um diálogo de uma criança de quatro anos de idade com seu professor, o qual observara que museu era um lugar onde se guardavam desenhos, e a criança perguntou: “Os meus também estão lá?”

Em relação aos materiais, como preconizado nos RCNEI (BRASIL, 1998), esses devem ser oferecidos às crianças sem nenhuma periculosidade, em consonância com a faixa etária de cada uma delas. No que se refere aos processos de observação e avaliação da oficina realizada, podemos dizer que as crianças se mostraram entusiasmadas, curiosas em participar das atividades propostas e bastante criativas; sempre acompanhadas das educadoras, que mediavam as atividades.

De acordo com os RCNEI (BRASIL, 1998, p. 113),

Quando se aborda a questão da avaliação em Artes Visuais, surge inevitavelmente a discussão sobre a possibilidade de realizá-la, posto que as produções em artes são sempre expressões singulares do sujeito produtor e, sendo assim, não seriam passíveis de julgamento. Em Artes Visuais a avaliação deve ser sempre processual e ter um caráter de análise e reflexão sobre as produções das crianças. Isso significa que a avaliação

para a criança deve explicitar suas conquistas e as etapas do seu processo criativo; para o professor, deve fornecer informações sobre a adequação de sua prática para que possa repensá-los e estruturá-los sempre com mais segurança.

Portanto, a arte pode ser para muitas pessoas algo libertador, qualquer pessoa pode expressar o seu íntimo sem ser criticado ou parecer ridículo. Ela pode transformar um espaço pálido em algo mais colorido e cheio de vida, já que a arte é uma das formas de possibilidades de expressão de sentimentos de cada pessoa no mundo, *sendo uns com os outros*, nos dizeres de Freire (2005), ou seja, somos o que somos porque a experiência de realizar e realizar-se não é um ato solitário, ao contrário, só nos realizamos na coletividade.

Sobre a oficina, conforme dito inicialmente, ela foi fundamentada em três eixos - movimento, artes e matemática. Em relação a esse último eixo, **Matemática** (conhecimentos matemáticos), pode-se dizer que o objetivo foi perceber sua inserção em nosso cotidiano, despertando nas crianças o interesse pela área e o saber fazer e aprender brincando. Durante o trabalho realizado percebeu-se a presença da matemática, quantificando objetos e materiais, despertando a curiosidade das crianças pelos materiais utilizados, assim: quantos materiais seriam/foram usados na atividade, quantidade de

palavras contidas no tema da oficina e assim por diante. Além de, ao final da atividade, perguntas como: quantos dedinhos têm sua mãozinha?

De tal forma, que se fez assegurado o que preconizam os RCNEI:

As noções matemáticas (contagem, relações quantitativas e espaciais etc.) são construídas pelas crianças a partir das experiências proporcionadas pelas interações com o meio, pelo intercâmbio com outras pessoas que possuem interesses, conhecimentos e necessidades que podem ser compartilhados. (BRASIL, 1998, p. 213).

Reconheceu-se e se valorizou números, operações numéricas, contagens orais e noções espaciais como ferramentas necessárias no nosso cotidiano; ideias matemáticas foram utilizadas em meio à comunicação estabelecida (linguagem oral e linguagem matemática); despertou-se a confiança nas próprias estratégias e na capacidade de cada um/a em lidar com situações matemáticas novas, com base em conhecimentos prévios. De tal forma que,

Nessa perspectiva, a instituição de educação infantil pode ajudar a criança a organizar melhor as suas informações e estratégias, bem como proporcionar condições para aquisição de novos conhecimentos matemáticos. O trabalho com noções matemáticas na educação infantil atende, por um lado, às necessidades

das próprias crianças de construírem conhecimentos que incidam nos mais variados domínios do pensamento; por outro, corresponde a uma necessidade social de instrumentalizá-las melhor para viver, participar e compreender um mundo que exige diferentes conhecimentos e habilidades. (BRASIL, 1998, p. 207).

Acreditamos que as crianças precisam ser estimuladas para desenvolver suas capacidades, de tal forma que cabe ao professor/a e seus familiares despertarem as habilidades das crianças, mostrando que em tudo que elas fazem a matemática está presente, pois o mundo em que vivem apresenta vários aspectos matemáticos como questão de tempo, espaço, medidas e grandezas, dentre outros.

As medidas estão presentes em grande parte das atividades cotidianas e as crianças, desde muito cedo, têm contato com certos aspectos das medidas. O fato de que as coisas têm tamanhos, pesos, volumes, temperaturas diferentes e que tais diferenças frequentemente são assinaladas pelos outros (está longe, está perto, é mais baixo, é mais alto, mais velho, mais novo, pesa meio quilo, mede dois metros, a velocidade é de oitenta quilômetros por hora etc.) permite que as crianças informalmente estabeleçam esse contato, fazendo comparações de tamanhos, estabelecendo relações, construindo algumas representações nesse campo, atribuindo significado e fazendo uso das expressões que costumam ouvir. Esses conhecimentos e experiências adquiridos no âmbito da convivência social favorecem a proposição de situações que despertem a curiosidade e interesse das crianças para continuar conhecendo sobre as medidas. (BRASIL, 1998, p. 225).

Despertar a curiosidade das crianças na Educação Infantil é muito importante, pois é nessa fase que elas começam a desenvolver a construção de conhecimentos, como: sociais, afetivos e cognitivos. As brincadeiras são muito importantes, é possível aprender brincando, usando o lúdico para ensinar, pois é por meio das brincadeiras que as crianças constroem novas formas de atuar, com o meio, com o outro e consigo mesmas. O ato de brincar permite à criança a construção de seu conhecimento, através de um mundo onde tudo pode ser possível, dentro da realidade. Por isso, é de suma importância criar/recriar brincadeiras educativas para o desenvolvimento da criança com o meio em que vive e interage.

Considerações

Nesse trabalho descrevemos, analisamos e refletimos sobre a experiência por nós planejada e vivenciada, “Plantando com as mãos”, com enfoque no tema primavera, ênfase nos eixos de **Movimento, Artes e Matemática**. O objetivo foi alcançado, de despertar a curiosidade e o uso da

imaginação nas crianças participantes da oficina, por meio de brincadeiras, partindo do pressuposto de que brincar é de suma importância para a criança, a qual necessita de um mundo onde tudo pode ser possível, por isso *aprender brincando*.

Foi possível observar a capacidade das crianças de se organizarem na realização da atividade proposta, com interação de gestos e movimentos, boa adequação da coordenação motora, e tudo isso de forma dinâmica, livre e divertida. Como conhecimento de mundo, foram apresentadas cores, as estações do ano, letras e números, sempre de maneira conectada ao mundo de cada criança.

Para nós, estudantes em processo de formação para professoras,icineiras nesse trabalho, compreendemos que participar ativamente dessa oficina nos acrescentou conhecimento e novas vivências, além da percepção do quanto é importante realizar um trabalho com rigor e sistematicidade. Ainda, o reconhecimento da importância de um trabalho com foco na realidade das crianças, de modo a contribuir com o seu desenvolvimento cognitivo, intelectual, social e afetivo. Respeitando-se e acreditando na capacidade de cada um/a, na melhoria da autoestima e autonomia, na capacidade de ser capaz de construir seu próprio *jardim em estação de primavera*, num trabalho colaborativo e

criativo, envolvendo estudantes universitárias e crianças da Educação Infantil, promovendo a socialização e destacando a importância de trabalhos dessa natureza, realizado com diferentes pessoas e instituições de ensino.

Referências

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC, 1998.

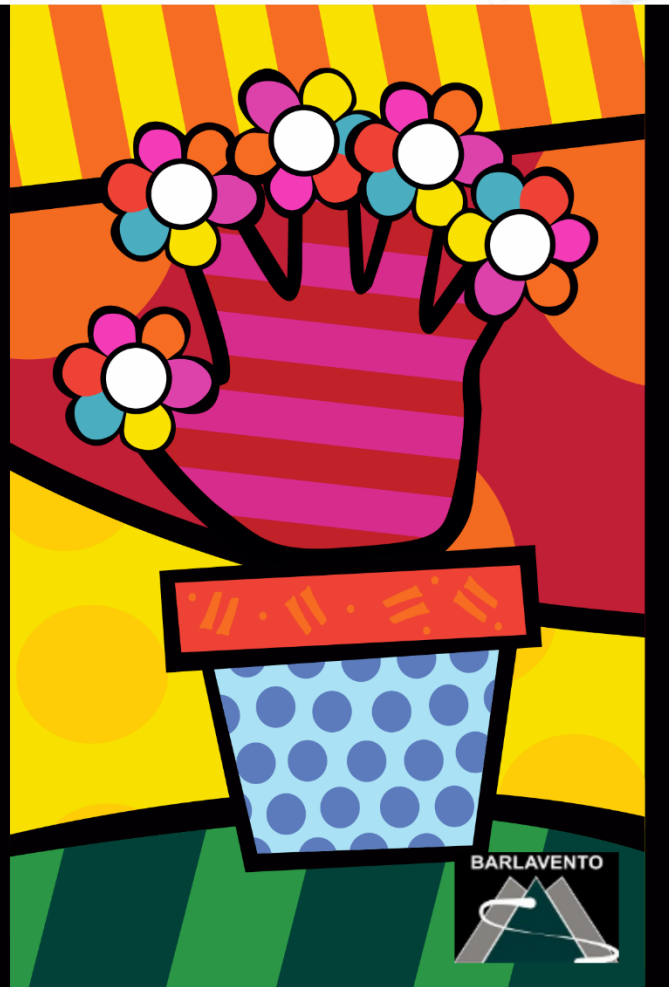
FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MOREIRA, Ana Angélica A. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1993.

Compartilhando Experiências e
Conhecimentos
em
Arte

Denise Andrade de Freitas Martins
Nathália Cássia Santos Silva
Kátia Alves Silva

Ituiutaba - 2018



BARLAVENTO



Sobre as organizadoras

Denise Andrade de Freitas Martins

Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/SP, 2015), Doutorado Sanduiche no Exterior (PDSE), bolsista CAPES (Universidade Pedagógica de Moçambique, UP/MZ, 2013); Mestre em Educação Musical pelo Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro (CBM/RJ, 2000); Bacharel em Música pela Faculdade Mozarteum de São Paulo (Mozarteum, 1986); Licenciatura Plena em Educação Artística – Música pela Faculdade Mozarteum de São Paulo (Mozarteum, 1985); Licenciatura Curta em Educação Artística pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU, 1983); Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Uberaba (UNIUBE, 2016). Pesquisadora na linha de práticas sociais e processos educativos. Docente na Universidade do Estado de Minas Gerais, Ituiutaba (UEMG). Coordenadora do grupo de pesquisa NESI, Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Arte, Educação e Psicologia (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7528302562664394).

E-mail: deniseafmartins@outlook.com

Nathália Cássia Santos Silva

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade de Ituiutaba (UEMG). Bolsista pelo Programa Institucional de Apoio à Pesquisa - PAPq/UEMG com o projeto de pesquisa “Concurso de piano, histórias e memórias: investigando estados emocionais e processos psicossociais decorrentes de situações de vulnerabilidade e exposição” (2018). Pesquisadora e integrante do NESI, Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Arte, Educação e Psicologia. E-mail: nathaliacassia755@gmail.com

Kátia Alves Silva

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba (UEMG). Pesquisadora e integrante do NESI, Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Arte, Educação e Psicologia. E-mail: katia.06lima@outlook.com

Sobre as autoras

Ana Paula Barbosa Gomes

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba (UEMG). E-mail: aninhabg07@hotmail.com

Angélica Martins Rodrigues

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba (UEMG). E-mail: angélica-itba123@hotmail.com

Daiane Alves Ramos

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba (UEMG). E-mail: ramosdaii@live.com

Daniela Cristina de Araújo

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba (UEMG). E-mail: danicrisaraujo@hotmail.com

Dorcina Aparecida De Oliveira

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba (UEMG). E-mail: oliveira_tininha@hotmail.com

Emanuely Franthesca Pereira Emiliano

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba (UEMG). E-mail: love.candies96@gmail.com

Graziene Dantas da Silva

Graduada em Psicologia (Bacharelado) pela Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade de Ituiutaba (UEMG) em 2010. Graduanda em Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba (UEMG). E-mail: grazienepsico@yahoo.com.br

Iusle Freitas Martins

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba (UEMG). E-mail: iuslefreitasitba@gmail.com

Jéssica Borges Sant'Ana

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba (UEMG). E-mail: jessicabssantana@hotmail.com

Jessica Cristina Bertolino Ferreira Costa

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba (UEMG). E-mail: jessica20072008@hotmail.com

Joana Rita de Moraes Lima

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba (UEMG). E-mail: joanaritamoraeslima@gmail.com

Kátia Alves Silva

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba (UEMG). Pesquisadora e integrante do NESI, Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Arte, Educação e Psicologia. E-mail: katia.06lima@outlook.com

Lisle Cristina de Oliveira Carvalho

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba (UEMG). E-mail: lislecarvalho@outlook.com

Lorena Isadora Costa

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba (UEMG). E-mail: lorenaic_@hotmail.com

Natalia Juvelina Da Silva

Graduada em Serviço Social pela Universidade Norte do Paraná (2010). Graduanda em Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba (UEMG). E-mail: nataliajuvelina2016@gmail.com,

Nathália Cássia Santos Silva

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade de Ituiutaba (UEMG). Bolsista pelo Programa Institucional de Apoio à Pesquisa - PAPq/UEMG com o projeto de pesquisa “Concurso de piano, histórias e memórias: investigando estados emocionais e processos psicossociais decorrentes de situações de vulnerabilidade e exposição” (2018). Pesquisadora e integrante do NESI, Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Arte, Educação e Psicologia. E-mail: nathaliacassia755@gmail.com

Paloma Silva Alves

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba (UEMG). E-mail: palomaewanderson246@gmail.com

Sabrina Bueno da Silveira

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba (UEMG). Autora do trabalho intitulado “O processo evolutivo da alfabetização infantil a partir da psicogênese da língua escrita”, VI Seminário de Prática Educativa e Estágio Supervisionado – SEPEES (FACIP/UFU), 2018. E-mail: sabrinabueno5@hotmail.com

Wislainy Maria França Guimarães

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ituiutaba (UEMG). E-mail: wislainy0@hotmail.com